

---

## **Privar o perfil, criar outra conta ou usar o *close friends*? Negociação, ajuste e confabulação da intimidade em experiências com adolescentes no *Instagram*<sup>1</sup>**

Pedro Henrique ANDRADE<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

O trabalho pretende discorrer sobre construções subjetivas que envolvem a autoapresentação de sujeitos no *Instagram* a partir de suas compreensões sobre a intimidade. Para chegar aos resultados obtidos aqui, valemo-nos de ideais de imaginário como dimensão analítica central, associando-o às percepções observadas na realidade empírica e na análise de questionários *online* realizados junto as experiências com adolescentes entre 15 e 17 anos beneficiários de um projeto social na zona sul paulistana. O empreendimento notou que as materialidades e infraestruturas da plataforma podem modificar compreensões de uso e apropriação no contexto; mas que a percepção de privacidade e visibilidade, bem como suas contraposições seriam importantes formas de compreender as autoapresentações, levando em consideração, em especial os ajustes, negociações e confabulações realizados pelos adolescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** intimidade; autoapresentação; subjetividade; imaginário; privacidade

### **DA INTRODUÇÃO E DOS CONTEXTOS**

Este trabalho nasce na tentativa de expandir aspectos teóricos abarcados em artigo sob mesma autoria e apresentado neste GP no passado (2022), contribuindo ainda com percepções empíricas derivadas de observações exploratórias de pesquisa. Naquela ocasião, o trabalho intitulado: “Reflexões introdutórias sobre dinâmicas de intimidade e autoapresentação no *Instagram* a partir do *close friends*” se dispôs a sugerir sobre como se dariam novas formas de subjetivação no *Instagram*, compreendendo que a própria plataforma – a partir de interesses escusos e controversos - se ajustava a desejos, iniciativas e percepções vinculadas ao que tornar visível (ou não) nas performances buscadas e perseguidas por sujeitos/as em consonância a um senso comum de práticas, vislumbrando como centrais as conceituações sobre intimidade e autoapresentação.

Para isso, à época, buscamos inferir sobre a funcionalidade “*close friends*” – convencionando entendê-la enquanto *affordance* - no que tangia sugestões indiciárias de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturais Digitais, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em Mídia, Informação e Cultura pela USP. Jornalista e Analista de Comunicação no Terceiro Setor.

uso, em uma tentativa de suprir necessidades cotidianas, supondo que suas apropriações partiriam de: “intentos de autoapresentação mais ou menos íntimos e que envolvem questões que atravessam relações de (in)visibilidade, atualizando assim camadas de um debate sobre a identidade e intimidade em espaços *online*” (ANDRADE, 2022, p. 12) e que isso parecia também começar a se espriar para outras plataformas – afinal, a coerência expressiva (SÁ; POLIVANOV, 2012) parece continuar sendo um desejo tácito dos sujeitos/as e, o espaço das plataformas por naturalmente fragmentado e dúbio, possibilitaria facetas distintas e controversas aos públicos e audiências (imaginadas ou não) em um mesmo espaço: seus perfis. Como lidar com esta demanda hodierna? A criação de novas funcionalidades<sup>3</sup> que permitiriam gerenciamentos mais controláveis e facilitados na forma de se autoapresentar – ou ainda: opinar, compartilhar e expor opiniões, comentários, situações, etc – parece um caminho sugestivo e concreto para as plataformas, mas também aos sujeitos/as.

Para a proposta deste trabalho, na tentativa de atualizar e provocar outros debates para além dos sugeridos em artigo anterior, compreendemos que as dinâmicas de autoapresentação e intimidade devem estar consideradas para além das dinâmicas materiais e infraestruturais destes espaços. Ao notar as rápidas mudanças nas ecologias das plataformas, consideradas aqui um dos motivadores para ciclos de adesão e abandono que acompanham trabalhos vinculados a essas tematizações (VIEIRA; SEPÚLVEDA, 2017) estabelecemos como crucial às pesquisas em comunicação e cultura digital, compreender os contextos dos sujeitos nas interatividades comunicacionais que acontecem nas plataformas; o que não significaria, contudo, desconsiderar as complexidades relacionadas as infraestruturas envoltas às dinâmicas plataformizadas, tomando como concreto e posto que as plataformas de rede social não estariam “*fora*” da sociedade, como já bem apresentaram, reivindicaram e concluíram diversos autores filiados a estes estudos, mas seriam, elas próprias parte do “tecido da cultura” (HEPP, HJAVARD; LUNDBY, 2010).

O trabalho em questão aproveita ainda os ideais de *imaginário* e *imaginário sociotécnico* como importantes para a compreensão de que a autopresentação nas plataformas tem camadas distintas que envolveriam análises e compreensões desde os

---

<sup>3</sup> Aqui sugerimos que o “*close friends*” e o “*twitter circle*” são funcionalidades/*affordances* com modalidades de uso parecidas em distintas plataformas; inferindo para pistas sobre o que traçamos neste trabalho.

usos e apropriações, e que convergiriam também, portanto, para investigações a partir do que entenderíamos enquanto “percepções conjuntas de uso” e que se encontrariam na ordem do que Maffesoli chamaria de *aura* ou *atmosfera*, podendo também fazer parte de uma *construção histórica* (MAFFESOLI, 2001) – afinal, há *práticas comuns* em jogo nas escolhas de/para autoapresentação e, mesmo que nem sempre consensuais, envolveriam motivações que partiriam de um princípio (quase) sempre comum: se apresentar a/para. Aqui, tomamos as ideias de imaginário, portanto, enquanto um ponto de vista colocado, uma perspectiva a ser explorada e uma dimensão a ser assumida. (BARROS, 2010).

Para nós, a partir de análises bibliográficas e inferências obtidas empiricamente, compreendemos, de forma abduativa, três maneiras de investigar e compreender percepções acerca da intimidade em espaços plataformizados (aqui, no *Instagram*) sendo eles: 1) privar o perfil; 2) criar outra conta e 3) utilizar o *close friends*. Estas possibilidades podem ou não acontecer em consonância, o que cria formas plurais e heterogêneas de olhar para o fenômeno. Compreende-se este trabalho como parte das experiências de pesquisa delimitada para uma dissertação em elaboração; em um processo de feitura-construção junto a adolescentes (de 15 a 17 anos) beneficiários de uma instituição do terceiro setor (Vocação, focalizada na inclusão produtiva) e situada no bairro do Campo Limpo (zona sul de São Paulo).

## **A INTIMIDADE NA AUTOAPRESENTAÇÃO ONLINE**

Para tal empreendimento consideramos que as formas de produção subjetiva sempre estiveram sendo acompanhadas de perto por pesquisadores e teóricos das ciências sociais e, também é claro, pelos que propõem realizar suas investigações a partir da comunicação e cultura digital. No caso destes últimos, os quais nos filiamos, interessaria mais discorrer sobre a temática especialmente quando vinculada às apropriações midiáticas realizadas pelos sujeitos na contemporaneidade, comparando, analisando e/ou investigando-as com as que foram realizadas em diferentes épocas e sob distintos artefatos materiais e dispositivos comunicativos.

No nosso trabalho, importa-nos compreender aspectos abarcados pelas significações de/da intimidade, percebendo que com a profusão das mudanças que acompanham as plataformas torna-se mais complexo analisar questões sobre o tema, em especial porque as infraestruturas altamente remodeláveis, somadas as dimensões algoritmizadas nestes espaços, necessitam ser (re)consideradas a todo tempo, porque

---

modificariam as processualidades e as dinâmicas interacionais da ordem comunicacional, que se refeririam no nosso trabalho, às dimensões estéticas relacionadas a forma como sujeitos/as compreendem ou percebem a intimidade (DE RIDDER; VAN BAUWEL, 2015) - neste caso acoplado a um debate que estaria vinculado desde seu cerne às construções identitárias, de sociabilidade e conversação, por exemplo.

Deixamos estabelecido como evidente, portanto, que as plataformas de redes sociais contribuem, ou ao menos potencializam para novas formas de se subjetivar na contemporaneidade; isso parece-nos estar posto. São elas quem agora ditam o consumo da intimidade que ora fora feito por outros artefatos e instrumentos midiáticos, como os livros e romances no início da era moderna, ou a TV e o rádio, entre e a primeira e a segunda metade do século passado. (SIBILIA, 2016)

John B. Thompson (1995; 2008) foi um dos autores que discorreu sobre o temário e de maneira bastante contumaz nos direcionou para leituras e compreensões que entendiam os impactos das novas formas de interação no processo de receptividade comunicativa dos sujeitos, inclusive sob a forma como sentiam e percebiam dinâmicas da intimidade, em processos que entendeu como *simultaneidade desespacializada* e *intimidade não-recíproca*. O primeiro, diria respeito à possibilidade de fazer-se visível e/ou enunciar a audiências para além de seu espaço físico; no segundo, haveria a criação de um vínculo que, na ausência da presencialidade física, criaria uma sociabilidade invólucra ao processo midiático em questão, afetando de maneira unidimensional ao receptor. Lembramos, contudo, que o autor ainda pensava e teorizava estabelecendo como objeto as mídias eletrônicas.

No caso da comunicação digital, muda-se muita coisa. Entendemos que nos processos das apropriações das/nas mídias plataformizadas – um *locus* privilegiado de análise e investigação para atualizar o debates os quais nos propôs Thompson – não devemos ignorar a enormidade de conhecimento construído a partir do que chamaríamos “pesquisa *em* ou *de* recepção”; contudo, jamais deixaríamos também de desconsiderar como central o debate que envolve as dinâmicas de produção midiaticizada, entendendo o ecossistema midiático (e aqui plataformizado) como matricial para a construção e (re)laboração de modos de ser-estar-perceber-sentir o mundo que cercam sujeitos/as (BONIN, 2016). Aqui, recorreremos a Gerlich (2015) para compreender a construção de uma *intimidade digital* que segue uma lógica multiplataformizada; afinal, tornaria-se corriqueiro compartilhar sociabilidade com os mesmos sujeitos/as em plataformas

---

distintas, gerando o que podemos compreender enquanto experiências ativas (ou apropriativas) de mídia.

Testemunharíamos nestes casos um processo de *dupla inscrição*:

Por um lado, as relações, os afetos, os sentimentos e os corpos estão inscritos nos dispositivos através de imagens, textos e sons produzidos, gravados, compartilhados e armazenados. Por outro lado, nosso *self*, nossa subjetividade, isto é, nossos sentimentos, capacidades, gestos, corpos, percepções está sendo inscrita e configurada por essas práticas e mediações. Como quando adquirimos novas disciplinas e hábitos relacionados com os usos digitais e as expectativas e obrigações de uso que se geram nas nossas interações (LASÉN, 2012, p. 270, tradução nossa)

O que queremos dizer aqui - e o que nos importa para nosso trabalho- é que as plataformas não seriam responsáveis elas próprias pela criação de uma nova forma de compreender e perceber a intimidade; mas estariam entrelaçadas a conjunturas corporativas e mercadológicas que nos fariam utilizá-la como *forma de exibição*, como nos explicaria Rodríguez (2018). A questão central aqui, contudo, seria mais sugerir como essa forma de exibição aconteceria: porque, lembramos: seria mais do que *exibir por exibir* e sim, tecer formas e compreensões sobre como essas exibições aconteceriam dentro de suas possibilidades, agências e formatos – tudo isso envolto a habitualidades, gestuais e prática próprios de usos e apropriações plataformizados e que seriam delimitados conjunturalmente a partir de suas vivências e culturas específicas.

Ao pensar junto a Berlant (1998), notamos que a intimidade teria um caráter de duplicidade, se construindo em um sentido *para si* (pessoal) e *para o outro* (relacional). É neste jogo complexo e tentador que as plataformas de rede social, se configurariam como um espaço frutuoso para análises envolvendo os processos de e para sua compreensão (dentro dos limites conferidos a forma de se autoapresentar nas redes), em uma dinâmica que “desafia as fantasias tácitas, regras e obrigações que definem a intimidade como não problemática e tida como certa” (BERLANT, 1998, p. 287, tradução nossa). Se a intimidade se remodela, conferimos também como posto que ela possa ser constantemente *reinventada*, desordenando barreiras consideradas “estáveis” sobre o que seria ou não íntimo (LASÉN, 2015), algo construído, inclusive, há pouco tempo se considerados os processos históricos que nos acompanham enquanto civilização.

Para Chambers (2013), em trabalho precursor sobre o tema, investigando afiliações familiares e de amizade em relação a compreensão de intimidade, há *agência e poder de escolha* nos constructos referentes ao que se consideraria íntimo; para o nosso

trabalho as dinâmicas possibilitadas pelas plataformas (aqui, em especial o *Instagram*) se coadunam a este debate, com possibilidades múltiplas que, longe de existirem apenas para tais constatações, nos ajudariam a pensar em nossa proposta ao dar-nos pistas para esta leitura como nos três casos apontados em excerto anterior deste texto. Em todos esses usos (privação do perfil, criação de outra conta ou uso de *affordance*) há dinâmicas referentes a *mutualidade e reciprocidade* (JAMIESON, 1998), o que nos é profícuo vide que a agência e autonomia dos sujeitos também acontecem nas três dinâmicas.

### **DOS IMAGINÁRIOS PERCEBIDOS NOS PERCURSOS EMPÍRICOS: AJUSTE, NEGOCIAÇÃO E CONFABULAÇÃO DA INTIMIDADE EM EXPERIÊNCIAS DE USO NAS AUTOAPRESENTAÇÕES NO INSTAGRAM**

Em se tratando de percursos e trilhas metodológicas, relembremos que o artigo nasce como parte de pesquisa em elaboração no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); para tal, elaborou-se aproximações empíricas junto aos sujeitos de pesquisa na ONG Vocação (ocorridas nos dias 27/04, 29/05 e 07/07 – todas as datas do ano de 2023) e, posteriormente, construiu-se um questionário *online* que nos direcionou para as primeiras impressões acerca dos usos e apropriações dos sujeitos no *Instagram* a partir da forma como se autoapresentam na materialidade da plataforma.

O questionário<sup>4</sup> nos deu embasamento introdutório para compreender três pontos considerados centrais para esta investigação (e que estão marcadamente apresentados desde o título), concatenando-os aos objetivos gerais e específicos de nossa pesquisa e em confluência com a proposta deste artigo. Considerando as respostas, envolvendo perguntas de múltipla-escolha e discursivas, obtivemos 43 respondentes; destes, 35 utilizam o *Instagram*, o que fez com que pudessem e aceitassem continuar a contribuir com a pesquisa.

Quando questionados sobre **como optam por manter** seus perfis na plataforma, 20 responderam que escolhem deixá-lo **aberto/público**. Em respostas como: “*Porque não tenho nada a esconder, e deixo livre para quem quiser entrar em contato*”, “*Não vejo necessidade de esconder nada*” ou ainda: “*Deixo ele aberto pela questão de não ter o que*

---

<sup>4</sup> O acesso ao formulário original pode ser realizado aqui:  
<[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc6Fym8MojK32s7CUMYTifzOI\\_TdhsQD\\_iJkikmCqb4ucXQ/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc6Fym8MojK32s7CUMYTifzOI_TdhsQD_iJkikmCqb4ucXQ/viewform)>

---

*esconder, minha vida não é totalmente postada no Instagram então todos podem ver uma parte da minha vida sem que eu me preocupe*” encontramos uma motivação que parece se atrelar fortemente as ideias de um *imaginário coletivo* preexistente; indicando-nos a tecer compreensões para um ideário vinculado à socialização e sociabilidade embasadas por marcações enunciativas que tangeriam escolhas reflexivas nas formas de se autoapresentar na plataforma; entendendo que no ato de deixar ou tornar o perfil fechado estaria subentendida uma dinâmica de “esconder” algo de/para alguém.

Respostas como "*Porquê [sic] eu quero ganhar seguidores*" e "*Gosto de conhecer novas pessoas, e pretendo ser influencer*" nos atestam, contudo, serem multidimensionais as motivações que cercam o ato, mas que ainda sim encontraríamos pistas do que podemos considerar “confabular” em escolhas que envolvem motivações que nos direcionam para como se dariam percepções de outrem, a si. Relembramos, a partir disso, que embora os imaginários apresentem elementos racionais e de ordem prática, ainda sim, encontram-se com o: "onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas" (MAFFESOLI, 2008, p.76) e que isso envolveria uma construção que embora perpassasse pela individualidade das construções intersubjetivas de cada sujeito/a, esbarraria em convenções conjuntas, co-relacionais, em práticas que poderíamos entender de co-produção, portanto.

Já no caso dos que escolhem deixar os seus **perfis fechados/privados**, há chaves de leitura que nos direcionariam para dinâmicas como: "*Ele é privado, porque quero saber quem vê [sic] meu perfil*" ou ainda "*Não gosto de qualquer pessoa vendo, até pq já sobre [sic] assediada*" e "*Ele é fechado pq eu n [sic] quero que pessoas que n [sic] me segue fique vendo minhas coisas*”, "*Ele é privado pq [sic] gosto de ter o controle de quais pessoas terão acesso ao meu conteúdo e conseqüentemente a minha vida pessoal*" ou ainda: "*Deixo privado pois não quero que pessoas que eu não tenho nenhuma intimidade vejam minhas fotos*" caminhando para aberturas, marcações e tensionamentos que, embora idiossincráticos, podem dar indícios para uma percepção que compreenderia os imaginários coletivos enquanto uma *força comunicacional* que teria a capacidade e a agência de, além da criação de vínculos, proporcionar em alguma medida, um ideal *comum* a ser partilhado (SODRÉ, 2006) indicando discursivamente que privar o perfil evitaria uma espécie de transtorno, exemplificado cada um à sua maneira.

---

Ao relembrar, a partir de leituras sobre imaginários sociotécnicos, que estes: “revelam uma interação dinâmica entre binários que são mantidos analiticamente distintos demais” (JASANOFF; KIM, 2015, p. 323) como as expostas pelos perfis públicos *versus* privados, os achados empíricos nos tensionam a pensar na compreensão de que os imaginários – e aqui em especial os vinculados as possibilidades geradas pelas/nas plataformas – teriam: “poder para mover mentes e ações à distância; e, como construções em parte do pensamento humano, elas permanecem continuamente abertas e sujeitas a revisão” (idem, 2015, p. 323).

Afirmamos isso em especial porque os sujeitos podem modificar as formatações de uso quando quiserem de maneira autônoma, o que contribuiria para reconfigurar os limites do que consideraríamos público e privado, como nos afirma Chambers (2013). Recorremos com isso a Contrera (2018) para relembrar que os ideais de imaginário precisam ser constantemente atualizados: “sobretudo quando consideramos as relações entre imaginário cultural e as criações imagéticas e imaginárias dos meios de comunicação contemporâneos” (CONTRERA, 2018, p. 61) que no nosso caso estaria envolvido no processo contínuo de construção e (re)construção de si em espaços platformizados por meio de um perfil; aqui, reivindicados como espaços centrais de e para práticas, dinâmicas e dimensões comunicativas na contemporaneidade.

Quando questionados sobre possuírem **mais de um perfil na plataforma**, obtivemos 14 respostas positivas. Aqui nossa sugestão e percepção analítica está embasada em um processo de construção de um perfil “falso”. Para esta formatação de uso, valemo-nos de leituras que o compreendem enquanto “*Finstagrams*”, tradução literal de “*Instagram* falso”. As bibliografias sobre o tema floresceram de forma significativa em um período que compreende a pandemia da COVID-19, momento este em que pela ausência e impossibilidade de relações corpóreas e físico-presenciais determinadas por regras elementares de saúde, os perfis nas plataformas “representavam-nos” concretamente em nossas vivências cotidianas. Textos como os de Xiao, Metaxa, Park, Karahalios e Salehi (2020), Tan Jun Wei (2020) ou ainda de Tadayoshi (2020), mostram a forte absorção dos estudos em países do sudeste asiático, mas também encontramos bibliografias em nações escandinavas e mesmo em literaturas lusófonas (DEWAR, et al., 2019; 2020; DARR; DOSS, 2022).

A maior parte destes trabalhos compreendem que estes perfis em questão (os falsos) seriam espaços que confeririam maior autonomia para as autoapresentações. Daí

---

noções como “reconfiguração de intimidade” ou atualizações dos estudos tradicionais da performance para compreender estes usos – sempre negociados e ajustados a partir e pelas dinâmicas propiciadas pelas plataformas.

Das respostas positivas para o uso de outros perfis obtidas por nosso trabalho, encontramos discursos como: “*Porque eu quero ter pessoas só mas [sic] próximo*”, “*Criei para não me encontrarem nas outras contas*” ou ainda: “*É um perfil onde só posto fotos com filtros malucos, fotos e vídeos com as minhas irmãs, e que teria vergonha de colocar como aberto, somente minhas irmãs seguem*” o que resgata ideários encontrados em trabalhos do tema, compreendendo que a agência ativa dos sujeitos neste caso é crucial às formas de estabelecer co-relação com o *outro*. No caso de trabalhos como o de Tadayoshi (2020) o autor entende como *reaproveitamento sociotécnico* a atitude consciente de se constituir e se subjetivar de forma distinta nos dois espaços.

No caso, os “perfis reais” como compreendem as literaturas, serviriam para a manutenção identitária construída ao longo do tempo e dariam conta de sustentar as performances cotidianas dos sujeitos/as, ao passo que os “perfis falsos” formalizariam versões alternativas, cômicas ou, curiosamente “reais”. Em grupos focais realizados junto a adolescentes, Darr e Doss (2022) sugerem que os “*Finstas*” seriam construídos para “*the real ones*”<sup>5</sup> e que estes espaços permitiriam que os sujeitos/as possam expressar seus sentimentos ou postar fotos sem edição, mostrando-se mais “autênticos”.

O que nos chama atenção, no entanto, é que neste caso “a autenticidade não é simplesmente expressada em uma não-edição ou em um post sem-filtro, mas guiada pelas normas de um grupo” (DARR; DOSS, 2022, p.5) em um direcionamento que nos leva a concluir que os processos passariam por uma negociação envolvida de maneira intrínseca a um processo de compreensão da intimidade, nos impulsionando a pensar e sugerir em um rearranjo, estabelecendo junto ao pensamento de Jasanoff e Kim (2015) que os perfis se incorporariam na realidade prática dos sujeitos a partir do que consideraríamos como uma: “capacidade de indivíduos e grupos de ver e pensar coisas de maneira diferente do que foi visto ou pensado anteriormente” (p. 321-322). Este processo, o qual os autores entenderiam como parte da incorporação de *imaginários sociotécnicos* nas vivências cotidianas (aqui pensados a partir de vinculações entre sujeitos, Estado e ciência e tecnologia) parece-nos também ser imaginativo e confabular e envolveria o que as

---

<sup>5</sup> Tradução, que em sentido aproximado para o português significaria: “os de verdade”

tecnologias – aqui plataformizadas e respondendo a interesses escusos- poderiam (ou não) fazer, embora seus interesses corporativos e as dinâmicas de perfilização e sugestionamento algoritmo continuem afetando os usos e apropriações em ambas as formas.

Estas apropriações refletidas, nos relembrariam, junto a Barros (2010) que é a própria comunicação midiática – aqui, pedimos licença para considerar a terminologia mediatizada mais adequada para os processos e fluxos investigados no tempo-espaço em que nos encontramos – que dinamizaria o imaginário; este, por sua vez, poderia ser encontrado (mas nem sempre) em um espaço que se contraporía ao real, do que não pode se enunciar e do que continuamos acreditando ter “importância” cultural e epistêmica. (BARROS, 2010). É curioso notar também que, ao passo em que investigamos dinâmicas muito concretas e materializáveis do ponto de vista comunicacional (constituir-se enquanto sujeito/a a partir de um perfil); se entrecruzamos a dinâmicas abstratas que envolveriam suas compreensões sobre intimidade, visibilidade e privacidade de forma individualizada. Há imaginário no real; e, por conseguinte, real no imaginário. (SILVA, 2020).

Justamente por compreender as individualidades dos sujeitos/as, também percebemos respostas que nos direcionam para outras formas de análise em relação a construção de outros perfis como em: *“Tenho um perfil de unhas... sou manicure”, “a primeira é uma conta onde posto fotos minhas, a segunda é onde posto fotos privadas, e a terceira é aonde [sic] posto poemas”* ou ainda: *“Tenho um Insta de fotografia, onde compartilho um pouco sobre lugares em que fui e tals [sic]. O insta é aberto para todos que se interessem pela fotografia”* o que nos mostra que há motivações outras para a construção de um novo perfil, em interesses que envolveriam necessidades da ordem prática e de seus contextos de vida.

Isto não significaria desvalidar percepções atreladas às criações dos *Finstas*, mas aumentaria o leque de inferências que dizem respeito as formas de se construir identitariamente na plataforma – ainda sim, essas dinâmicas encontradas nas respostas nos fazem também sugerir que as ideias e motivações estariam marcadas por constructos elaborados nas práticas de uso, que envolveriam por exemplo, a separação de perfis pessoais e profissionais, tópico do qual não podemos acionar com profundidade aqui, mas que também poderiam ser percebidos a partir de ajustes, negociações e confabulações. Por processos do imaginário, por que não?

Utilizamos a resposta de um dos sujeitos sobre ter ou não outro perfil: “*Eu não tenho mais de um perfil pois meu perfil principal já me garante toda a privacidade que eu preciso com o close friends*”, para compreender nossa próxima imersão temática: o uso da funcionalidade *close friends*. Esta enunciação nos relembra que os imaginários (aqui sociotécnicos) nos sugeririam (também) para *melhoramentos* sobre dinâmicas e situações da cotidianidade; consideramos, portanto, a *affordance* como “convertido[a] na solidez das identidades e na durabilidade das rotinas e das coisas” (JASANOFF, KIM, 2015, p.321) em um processo que passa pela incorporação do que foi imaginado, sugerido, suposto – neste caso, co-relacionando as terminologias às necessidades de autoapresentação mais gerenciáveis nas plataformas. Não se trataria aqui de entender que a plataforma a realiza por bondade ou subserviência aos desejos dos sujeitos (lembramos: a funcionalidade *close friends* foi incorporada a plataforma em 2018), mas sim, pensar em processualidades de uso, que tornam-se supostamente “necessárias” a partir de práticas cotidianas, contextos geradores ou forças culturais.

Dos 35 respondentes, 25 afirmaram utilizar a funcionalidade *close friends*. O que nos indicaria uma alta taxa de uso da *affordance* neste contexto de pesquisa e nos remonta a pensar que investigações com outras faixas-etárias também possam ser profícuas para investigações que contraponham ou confluem junto as nossas percepções.

Respostas como: “*Eu publico coisas mais privadas que nem todo mundo pode ver*” ou “*Eu utilizo para postar coisas que eu tenho vergonha de postar para todo mundo ver*” e ainda: “*Eu coloco coisas que eu não colocaria nos story [sic] normal*” nos indicariam que o espaço sugeriria resguardo sob as publicações, direcionando para um ajuste, que perpassa pela possibilidade de estabelecer um público imaginado ao criar seus próprios parâmetros e critérios acerca de quem adentraria este espaço.

Nas palavras de Jasanoff e Kim (2015) novamente encontramos respaldo para se apropriar da ideia de imaginários sociotécnicos envolvendo a situacionalidade, entendendo que seria: “na incorporação dessas ideias, portanto, seja material como nos objetos ou psicossocial como nas memórias e hábitos de interação social, que os imaginários são efetivamente traduzidos em novos contextos” (JASANOFF; KIM, 2015, p. 329) neste caso as ideias estariam vinculadas aos modos de autoapresentação nas plataformas e os hábitos de interação social se posicionariam na esteira do que compreenderíamos como performances para *audiências imaginadas* (boyd, 2011) em uma facilitação de um processo por dimensões tecnológicas. Aqui, as dinâmicas

---

comunicativas da ordem da interação com o outro seriam facilitadas por um componente técnico que sinalizaria para que algo “pode ser”.

Respostas como: “*Eu utilizo pra postar de vez em quando pra postar sobre algo mais pessoal, alguma foto que eu não postaria pra todo mundo ver tipo, rolê, foto com amigos, namorada(o) e etc*” e “*Meu close friends não é aberto para qualquer pessoa, posto fotos antigas, fotos com filtro, mas não costumo postar muito stories, e uma vez é [sic] nunca posto um vídeo aleatório de mim mesma*” também se estendem para dinâmicas interativas que nos remontam ao ajuste e a negociação, nos indicando, a partir de discursos de negação [não postaria pra todo mundo ver/não é aberto para qualquer pessoa] um constructo imaginativo que pode nos ser útil se percebido a partir da “consideração de elementos materiais, valores e sistemas sociotécnicos, na produção e reprodução de opções de vida social” (GAYARD et. al, 2016, p.196), ainda que neste caso, compreendamos que há limitações culturais significativas no que dizem respeito ao acesso e uso de internet, da plataforma em questão e mesmo do e sobre o uso da funcionalidade.

## CONCLUSÃO

Com análise dos dados somadas as articulações teóricas que munem este trabalho, nota-se que há uma percepção tácita que se referiria a manutenção de privacidade no que diz respeito a escolha de deixar as contas públicas ou privadas no *Instagram* e que os adolescentes a fazem de maneira reflexiva a partir de noções que envolvem a visibilidade; para a maior parte dos que optam por manter suas contas privadas, evitar que determinados públicos vejam suas publicações seria um motivador central; já os que mantem o perfil aberto, em sua maioria, indicam não existirem motivações para tal ação.

Nota-se, também, a partir da análise dos dados que a criação de outras contas no aplicativo, vale-se da ideia de que há subversão (mesmo que implícita) de espaços propostos e/ou sugeridos inicialmente pela plataforma, em uma espécie de *gambiarra* ou *reaproveitamento sociotécnico* que mune-se dos ferramentais da plataforma para se autoapresentarem de maneiras distintas envolvendo processos que se configurariam com construções mais ou menos “reais” de si; as maneiras distintas também acontecem com usos vinculados à trivialidade como a criação de outras contas por *hobbies* e decisões de carreira e trabalho, por exemplo – onde, no entanto, as dinâmicas e percepções sobre intimidade seriam outras. O uso do *close friends*, por fim, representaria uma tentativa de

---

gerir performances mais autênticas e verídicas de si, sendo acionado também para conferir ludicidade, fantasia, segredo ou ainda à necessidade de *shitposting*.

Consideramos entender que esses usos são heterogêneos e múltiplos por natureza e que envolvem relações comunicacionais complexas e, por vezes, dicotômicas, nem sempre retilíneas do ponto de vista analítico mas sempre entrelaçadas à ordem da autoapresentação, construção e (re)construção subjetiva de si em espaços digitais; decidimos compreender estes processos a partir de três eixos temáticos que seriam representados aqui pelo *ajuste*, *negociação* e *confabulação* de processos e compreensões acerca da intimidade; eixos estes que ganhariam mais fôlego e robustez com confluências e análises metodológicas combinadas a observação empírica de usos – processo a ser realizado nas próximas etapas da pesquisa que sustenta este artigo.

Compreendemos também que estes processos estariam vinculados a dinâmicas do que compreenderíamos enquanto *imaginário* e que este, por se coadunar com perspectivas tecnológicas digitalizadas, poderia ser atravessado pelos trabalhos sobre *imaginários sociotécnico* – em sua maioria vinculado a estudos que abarcam as formas sobre como o Estado compreenderia e/ou realizaria escolhas envolvendo ciência e tecnologia a partir de práticas culturais ou ainda referindo-se a percepções dos sujeitos e comunidades sobre o tema (GAYARD et al, 2016) sugerimos como ricas as apropriações dos sujeitos em suas vivências para/na percepção de aspectos como os que apresentamos no nosso trabalho; compreendendo junto a leituras que também propulsionam a pensar no tema sob outras óticas que “ao reconhecer importância da cultura, das estruturas, da materialidade e do conhecimento acumulado na construção de imaginários, os imaginários sociotécnicos trazem novos elementos a uma perspectiva que reconhece a importância dos lugares na reprodução da vida social” (GAYARD et al., 2016, p. 179).

Dito isso, acreditamos que pesquisas sobre o tema necessitem de análises e investigações que envolveriam a mescla, confluência e confrontação metodológica somadas ao tensionamento teórico de literaturas relacionadas às 1) materialidades e infraestruturas e; 2) pesquisas culturalistas (como as da recepção, apropriação e dos estudos culturais); possibilitadas, por exemplo, pelos estudos dos imaginários sociotécnicos, em uma busca por *futuros objetivos possíveis* (JASANOFF; KIM, 2009). No nosso caso, construir-se identitariamente e subjetivar-se nas plataformas ainda conferiria uma questão delicada e bastante urgente: o armazenamento e gerenciamento de dados de sujeitos (ou usuários, na ótica plataformizada) a partir de um processo de

*perfilização*. Reiteramos, a partir disso, a imprescindibilidade de pensar e situar a digitalidade comunicacional como central e estruturante em todos estes aspectos e práticas; sem negar as dinâmicas de poder das plataformas em um processo que poderíamos entender como “orquestramento” em uma “sociedade das plataformas” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. H. Reflexões introdutórias sobre dinâmicas de intimidade e autoapresentação no Instagram a partir do close friends. In: **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa, 2022

BARROS, A. T. M. P. Comunicação e imaginário - uma proposta metodológica. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. Pag. 125, 2010

BERLANT, L; WARNER, M. **Sex in Public**, in: Berlant, L. (ed.), *Intimacy*. Chicago: University of Chicago Press, p. 311–330, 2000

BONIN, J. A: Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: Cláudia Peixoto de Moura; Maria Immacolata V. de Lopes. (Org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. 1ed. Porto Alegre: EDPU CRS, 2016, v.p. 213-231

boyd D.; MARWICK. A. E. Social Privacy in Networked Publics: Teens’ Attitudes, Practices, and Strategies. A Decade in Internet Time: **Symposium on the Dynamics of the Internet and Society**, 2011

CHAMBERS, D. Social Media and Personal Relationships: Online Intimacy and Networked Friendship. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life. Customer Services Department, Macmillan Distribution Ltd, Basingstoke, Hampshire RG21 6XS, England, 2013

CONTRERA, M. S. **Mediosfera: meios, imaginários e desencantamento do mundo**. Porto Alegre, Imaginalis, 2018

DARR, C.; DOSS, E.: The Fake One is the Real One: Finstas, Authenticity, and Context Collapse in Teen Friend Groups. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, 2022

DEWAR, S. *et al*: Understanding Finsta: "Fake" Space for Authentic Performance. In: **Extended Abstracts of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**, Glasgow, 2019

GAYARD, N. A. *et al*. Uma utopia da presença: situando mundos desejados nos lugares, espaços e sociedades em que vivemos. In: SOUSA, C. M. (org.). **Um convite à utopia** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 169-201

GERLICH, R. N. *et al* App consumption: An exploratory analysis of the uses & gratifications of mobile apps. **Academy of MarketIng Studies Journal**. 2015. 19(1), 69–79

HEPP, A.; HJARVARD, S.; LUNDBY, K. **Mediatization – Empirical perspectives: An introduction to a special issue**. *Communications*, v. 35, p. 223-228, 2010.

JAMIESON, L. *Intimacy: Personal Relationships in Modern Societies*. Cambridge and Malden, MA: Polity Press, 1998

JASANOFF, S.; KIM, S.H. Containing the Atom: Sociotechnical Imaginaries and Nuclear Power in the United States and South Korea. *Minerva*, v. 47, p. 119-146, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dreamscapes of modernity: sociotechnical imaginaries and the fabrication of power**. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2015.

LASÉN, Amparo. Autofotos. subjetividades y medios sociales In García-Canclini, N., & Cruces, F. (Eds.), **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Prácticas emergentes en las artes, el campo editorial y la música. Madrid: Ariel, 2012

\_\_\_\_\_. Digital self-portraits: exposure and the modulation of intimacy. In: **Mobile and Digital Communication: Approaches to Public and Private**. Covilhã: LABCOM, 2015

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008.

RODRÍGUEZ, E. P.: Espetáculo do dividual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais. In: **Tecnologias da Vigilância: perspectivas da margem**. Org. BRUNO, F. São Paulo, Boitempo, 2018

SIBILIA, Paula.: **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016

SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: 3a Edição, Sulina, 2020

THOMPSON, John B. **Mídia e Modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1995

\_\_\_\_\_. A nova visibilidade. *MATRIZES*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

VIEIRA, J; SEPULVEDA, R: A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder. **Observatório (OBS\*)**, 11(3), 153–185